

Dar corpo ao vazio: viagem entre uma coisa e o seu contrário

Explorando caminhos que cruzam o desenho, a escultura, a instalação, a fotografia, o vídeo e a intervenção *site-specific*, Cristina Ataíde desenvolve o seu trabalho ininterruptamente há mais de três décadas. A sua produção revela uma sede de experimentação e um fascínio pela descoberta que, entre outros, se ancora no impulso da viagem, na procura por outros sistemas de pensamento e numa busca pela expressão da matéria. Deste modo, é frequente perceber que as obras surgem associadas à experiência dos diferentes locais e momentos que a artista deseja apreender, assim como à vivência de uma espiritualidade partilhada com os objetos e as entidades com que se cruza. Partindo desse princípio, a exposição *Dar corpo ao vazio* apresenta um conjunto de obras que abarcam vários períodos e meios de produção, encadeando-se entre si sem formular um olhar cronológico ou retrospectivo. Dando-se a ver como uma teia de relações que cruzam referências transversais à produção da artista, a exposição enuncia a ligação do indivíduo ao meio (reforçando o diálogo entre a geografia e a cultura), a conexão da viagem com o conhecimento (sublinhando a articulação entre a descoberta e a identidade) e a relação entre o espírito e a matéria (especulando sobre a graduação dos vários estados de existência). Assim, propondo um olhar sobre a densidade e a diluição, engendra-se um percurso que funciona por ecos e impulsos, onde a atenção evolui de um lugar alto e compacto para um sítio baixo e fluido.

A exposição anuncia-se com a presença de uma obra exibida no átrio principal do edifício, respondendo à escala do local com uma estrutura de madeira coberta por pigmento vermelho. A madeira dialoga com a fina camada de pó colorido, e o seu corpo sugere um movimento que sintetiza a lógica presente nos trabalhos.

As obras que iniciam o percurso pelas salas de exposição dão-nos a ver um conjunto de esculturas e de

senhos nos quais o imaginário da montanha é abordado como local primordial, arquetípico e sagrado. Associado à densidade da matéria e à sua posição altaneira, o mundo da montanha assume uma condição especial que, pelo caminho a que obriga e a altura a que se eleva, romantiza o diálogo entre a dimensão humana e a esfera do divino.

Do passado remoto ao tempo atual, a montanha vincula-se à natureza como origem e ao firmamento como transcendência. Se recuarmos à mitologia grega, percebemos que Gaia é tida como a personificação do planeta Terra, tendo por companheiro Úrano, que representa a expansão do Céu; e que a montanha surge como expressão da energia terrena, que, no seu impulso gerador, estabelece uma ligação entre mundos. Este é um tema explorado ao longo da História, em várias culturas e geografias, com especial atenção no romantismo europeu, mas também na leitura aborígine do território australiano, ou ainda na visão do xintoísmo nipónico e nas antigas culturas mesoamericanas que discorrem sobre as transformações geológicas numa associação ao corpo e à morada dos deuses.

As montanhas que Cristina Ataíde invoca surgem arreigadas à noção da Terra enquanto abrigo e matriz fundacional, veja-se o exemplo de *Mountain House #12* (2018), mas também à ideia da natureza como fonte de vida. De igual modo, importa salientar a prática da caminhada ou o contacto com a paisagem como motor de um desenvolvimento físico e espiritual, em comunhão com o meio. Curiosamente, na maioria dos casos que a artista apresenta, somos remetidos para a leitura de uma densidade que alberga em si um vazio ou um negativo complementar. Esse negativo toma a forma de gruta, buraco ou lagoa e age como contraponto que inverte ou completa a subida, conduzindo-nos a uma esfera interior e a um mundo contrário.

Atente-se a *Montanha Suspensa* (2012), onde a artista inscreve os nomes de um conjunto de montanhas a que já subiu, listando ainda uma série de outras que gostaria de visitar. Aqui, à palavra escrita sobrepõe-se um grupo de desenhos que registam imagens de várias encostas e eventuais percursos por onde se trilha a superfície; mas dir-se-ia que a um ponto alto da paisagem corresponde uma profundidade na consciência e que, nesse equilíbrio, a importância da viagem ou do caminho é estruturante para a experiência do lugar, para a vivência do espírito e para a construção da obra. Repare-se ainda na obra *Montanha com Lago* (2020), onde as mesmas questões são exploradas e o desenho extrapola a subida ensaiando a marcação de um lago no seu centro. Nesta obra, a palavra escrita afasta-se da vontade de reforçar e elencar para, cruzando tempos distintos, contrapor uma paisagem ancestral a um conjunto de termos que marcam o momento presente.

Na série *Todas as Montanhas* (2008–2020) a relação entre positivo e negativo continua afeta à interdependência entre a matéria e o espírito, adquirindo múltiplas leituras. Assim, se em alguns casos a montanha surge como um corpo invertido, acima e abaixo de um horizonte de referência, em outros o negativo marca-se apenas como sombra, recorte e ausência. A disposição destes elementos ao longo do espaço, cruzando o pavimento e as suas diversas paredes, expande o momento de transição (que em todas se enfatiza) e reforça o pensamento sobre a ideia de duplo.

Na mesma linha de raciocínio, encontramos ainda obras como *Surge* (1994) e *Snapper* (1994), que indagam a densidade do lado físico. Dando leitura à espessura e à ideia de sulco, estas obras acentuam o diálogo com o vazio e a sombra, ampliando a complementaridade entre a matéria e a sua ausência. Dir-se-ia que estamos perante objetos híbridos que, entre o corpo e um mecanismo de encaixe, insinuam uma existência que se repercute num conjunto de outras obras, dispostas nas salas seguintes.

Em *Todas as Montanhas do Mundo* (2008–2020), Cristina Ataíde invoca a superfície e o contorno da base de uma montanha, mas também de uma lagoa, focando

a atenção em torno de uma topografia imaginária que se desdobra verticalmente no espaço. Ao utilizar pigmento vermelho, ou cor de sangue, a artista convoca presença do corpo e a intensidade que o anima, ganhando paralelamente proximidade à expressão de canal e circulação. Reforçando o movimento enunciado nas obras circundantes, a ideia de vazio deixa de existir apenas na forma de uma ausência para, agora, se afirmar também pela condição que permite acolher e conduzir o espírito, o sangue ou a seiva que anima uma entidade.

Lao-Tsé, tido como presumível autor de *Tao Te Ching*, aponta nos seus escritos que o vazio interior da ânfora é aquilo que viabiliza a sua existência, sendo na ausência que ela contém que se alberga e enforma o líquido que lhe dá razão de ser. O vazio que Cristina Ataíde invoca é, também ele, veículo para conter, fazer circular e transformara matéria. Repare-se no exemplo da árvore, que surge como uma referência-chave na compreensão das suas obras, e na forma como, também aqui, se debate a expressão do mundo de veios, canais e circulações, ditando o exterior como consequência de uma natureza interna.

Tal como no caso da montanha, a árvore é encarada como elemento de ligação e transcendência em inúmeras culturas, traduzindo também, de forma acrescida, um ciclo de vida e fertilidade. Dir-se-ia que a árvore permite entender o que nasce, cresce e envelhece, tocando em mundos distintos: quer na sua existência espacial, entre a terra onde afunda as raízes e o céu onde expande a copa, quer na sua existência temporal, entre o ciclo de caducidade das folhas e a mutação dos frutos que nascem e apodrecem.

Na perspectiva de Mircea Eliade, a árvore surge como imagem do Cosmos, como teofania cósmica, ou ainda como Centro do Mundo e suporte do Universo. Os exemplos das culturas que tomam a figura da árvore como expressão de evolução ou desenvolvimento numa ligação ao conhecimento e ao sagrado são múltiplos, e variados. Atente-se no caso nórdico de Yggdrasil, na referência da Árvore Sephirótica, da cabala judaica, ou ainda na figura da Árvore da Vida, da tradição judaico-cristã. Olhe-se também para a importância de Ashvatthana cultura hindu, para a relevância de Kiskanuna

cultura suméria, ou para a expressão dosicómoro na cultura egípcia. Em todos estes casos, a árvore é um símbolo do universo enquanto sopro de vida e fecundidade que corporiza o movimento de uma energia vital.

Para Cristina Ataíde, a ideia que a árvore invoca prende-se, de igual modo, com a manifestação de uma energia que flui no interior dos seus canais, viabilizando um estado de crescimento ou expansão. Procurando o entendimento da árvore como objeto e processo de um dado desenvolvimento, a leitura que a artista induz olha para a expressão que a matéria adquire como consequência de uma Anima; Anima, entendida na origem do termo latim, que nos aponta o princípio espiritual ou força divina capaz de avivar todas as coisas materiais.

Nas várias obras que apresenta, a artista centra-se num excerto, manipula a perceção da escala e investiga a relação entre o todo e a parte, nas suas múltiplas dimensões. Tome-se como exemplo a série Ficus (2004), que articula a aproximação do corpo humano ao tronco de uma árvore, enfatizando a relação do vazio com a ideia de circulação, ou a série Angelim Ferro (2020), que, de igual modo, pesquisa as ligações entre o exterior e o interior da matéria. Em ambos os casos, a densidade vai perdendo o lado compacto para se transformar em algo que se afirma por múltiplas camadas. Na deposição que caracteriza Angelim Ferro, a artista fixa e reorganiza partes da casca de uma árvore para ensaiar um novo corpo. A mesma ideia de estratificação repercute-se na série Frágil (2020), na qual um grupo de folhas de papel são cobertas por diferentes sedimentações de pigmento. Aqui, a vibração da luz torna-se perceptível na frente e no verso do suporte, e a materialidade ganha outro grau de subtilidade, afirmada por algo que já não é inteiramente físico.

Dando continuidade a um processo de desmaterialização dos elementos, Cristina Ataíde apresenta-nos, também, um conjunto de obras que assentam numa relação privilegiada com a água e com a luz. Assim, na

terceira sala, a artista concebe uma instalação composta por dois vídeos projetados em diferentes faces de um mesmo ecrã, aprofundando a leitura da superfície e a ideia de camada, que agora se revelam permeáveis. As imagens fundem-se, as cores alteram-se, e acentua-se o entrosamento dos vários estratos que dão corpo à obra Rio Negro, Amazônia (2020).

Demodo alusivo, mas também de forma direta, a água revela uma forte presença em várias obras da artista. A água que Cristina Ataíde convoca é a que enforma canais, rios e mares, incorporando o vigor do movimento ou da corrente, mas também a que expressa o reflexo e a animação da superfície pela devolução do mundo exterior. Dir-se-ia que esta acusa a natureza do que acontece num plano interior e espelha o mundo que persiste ao seu redor. Analogamente, aludindo à presença do espírito e do corpo, as imagens reportam-se à ação que o indivíduo toma e ao modo contemplativo que este adota, dando a ver uma existência que é sempre fluida e impermanente. Se a água é algo que transporta e reflete, note-se ainda que ela é, também, metáfora de um processo de limpeza e dissolução; um veículo que leva a esbater das coisas, ao apagar do ego e à reconstrução do ser. Tome-se como exemplo a importância da água no batismo ou no despertar espiritual.

À condição de uma existência em trânsito, corresponde a apreensão de uma imagem em movimento. Por isso, os vídeos exibidos celebram a delicadeza da perceção, cruzando manchas e imagens onde a vibração da luz trabalha a sala em que a obra se apresenta como local de transição.

Na continuidade do ponto anterior, a instalação (Im) permanências (2003), composta por um barco de madeira de média dimensão, ocupa um lugar de destaque na exposição. O barco é o elemento que se move sobre a água e que, em paralelo, nos remete para a transformação do espírito. Ao não tocar o pavimento, a obra reforça a ideia de percurso na relação firmada en-

tre o homem e o meio, mas sobretudo na navegação entre dois mundos diferentes. Note-se, igualmente, a aproximação formal desta estrutura ao corpo humano, pela forma e pela cor, reforçando a noção de viagem interior.

Em inúmeras culturas, a travessia das águas surge associada a um rito de passagem ou transformação, afirmando o nascimento, o perecimento e a contínua passagem entre ambos os estados, ou a ciclicidade entre a vida e a morte. Assim, cruzar a água marca uma deslocação que é interior, numa viagem que, de uma margem para a outra, ou da nascente à foz, requer uma transição e uma consequente superação.

Para Cristina Ataíde, a importância da viagem adquire um duplo sentido, estando ancorada não só à deslocação exterior, que lhe permite descobrir outros lugares e formas de pensar o mundo, mas também a um movimento interior que indaga a natureza do ser e a transmutação da identidade. Assim, (Im) permanências opera sobre a percepção, manipulando o corpo e a posição do barco, revendo a escala, a cor e a gravidade que lhe são inerentes, mas também a expressividade da luz e da sombra que o destacam.

A quinta e última sala marca-se pela apresentação de um conjunto de imagens fotográficas de grande dimensão que captam o reflexo do mundo, espelhado na superfície da água em movimento. A fotografia problematiza a captação do instante e a natureza de algo que é indefinido, que se encontra em deslocação, manifestando-se pela transitoriedade das formas. A plasticidade das imagens emerge da luz, da cor e dos contornos ilusórios das figuras, bem como da relação com a palavra escrita que elenca múltiplos estados de existência, como nos indicamos transcrições «Dust of my body» / «My body in dust», patentes em Auto-retrato #5 e #6 (2006).

A redução do corpo ao reflexo, ao pó e à palavra assenta na diluição da matéria. Se o pó é a redução do corpo físico às mais pequenas partículas que podemos tocar, a luz é o elemento que permite a manifestação e a percepção da sua existência. A luz surge como a mais subtil vibração que constrói a expressão de uma entidade. Atente-se que é num maior grau de subtilidade que emerge a mais intensa afirmação da matéria. É,

pois, pela forma como a luz se pronuncia, banhando ou esculpindo, amaciando ou dramatizando, que se revela ou ofusca a existência das coisas.

Pode então dizer-se que as obras de Cristina Ataíde desenvolvem uma articulação do espírito com a matéria, celebrando a relação do indivíduo com o meio, ancoradas à viagem como processo de uma transformação exterior e interior. Pode também referir-se que a exposição aprofunda o cruzamento de diferentes períodos de trabalho, numa relação com vários suportes, materiais e tipos de intervenção. Contudo, dir-se-á, por fim, que tudo isso só se ativa quando, por via das obras, despertamos para uma sincronia intuitiva da percepção: onde a experiência é atenta, mas não se fixa, demora ou cristaliza.

Sérgio Fazenda Rodrigues